

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL
ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICA E PLANEJAMENTO URBANO

RENATA PIROLI MASCARELLO

**QUANDO A ESCOLA VIRA CASA: NOTAS SOBRE ATORES SOCIAIS A PARTIR
DA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CRISTÓVÃO DE
MENDOZA/RS**

RIO DE JANEIRO

2018

RENATA PIROLI MASCARELLO

**QUANDO A ESCOLA VIRA CASA: NOTAS SOBRE ATORES SOCIAIS A PARTIR
DA OCUPAÇÃO ESTUDANTIL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CRISTÓVÃO DE
MENDOZA/RS**

Monografia apresentada ao Instituto de Pesquisa em Política e Planejamento Urbano como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de especialista em política planejamento urbano.

Orientador: Professor Doutor Gustavo Antonio das Neves Bezerra

RIO DE JANEIRO

2018

RESUMO

A partir da articulação entre uma experiência empírica e um conteúdo teórico, este trabalho tem como objetivo estudar as “novas” formas de organização social a partir da experiência da ocupação estudantil do Instituto de Educação Cristóvão de Mendoza. O ponto de partida é o estudo de caso, cuja narrativa está na primeira seção. Posteriormente, algumas questões são problematizadas com base nas experiências de Maio de 1968 e das Jornadas de Junho de 2013. Por meio da revisão bibliográfica, verifica-se a existência de uma ameaça constante aos nossos direitos mais básicos em um contexto de crise do capitalismo e de representatividade. Ainda, observa-se a possibilidade de repensar os grupos pelo uso de teorias, métodos e narrativas mais livres, buscando sempre o maior entendimento possível acerca do contexto, da ação, do grupo e das suas motivações. Conclui-se que, diante da continuidade da agenda de austeridade, há uma emergência teórica e prática no âmbito da organização social e da resistência, pois, enquanto há dúvidas teóricas e operacionais sobre mobilização social, é certo que a ofensiva capitalista só deve cessar pela ação social.

Palavras-chave: *Actor-Network Theory*. Jornadas de Junho. Ocupações estudantis.

ABSTRACT

From the articulation between an empirical experience and a theoretical content, this paper aims to study the new forms of social organization from the study experience of the Institute of Education Cristóvão de Mendoza. The starting point is the case study, whose narrative is in the first section. Other issues are problematized based on the experiences of May 1968 and the Protests of June 2013. Through the literature review, there is a constant threat to our most basic rights in a context of crisis of capitalism and representativeness. Also, the possibility of rethinking the groups through the use of freer theories, methods and narratives, always seeking the best possible understanding about the context, the action, the group and their motivations. It is concluded that, given the continuity of the austerity agenda, there is a theoretical and practical emergency in the field of social organization and resistance, because, while there are theoretical and operational doubts about social mobilization, it is certain that the capitalist offensive should only cease social action.

Keywords: Actor-Network Theory. June Protests. Student occupation.

INTRODUÇÃO

Há muitos anos, o Rio Grande do Sul vive um clima de tensão no âmbito da educação pública. No serviço público estadual, faltam servidores¹, a contratação emergencial de professores temporários é frequente² e os prédios estão desgastados pelo tempo e pela falta de manutenção³. Esse cenário se repete em todas as gestões desde que eu me lembro, mas a situação piorou em 2014, quando José Ivo Sartori assumiu o Governo do Estado e passou a parcelar os salários dos professores e professoras – prática recorrente até 2018, ano de eleição.

Mesmo com essa situação, quando a onda de ocupações estudantis começou a se espalhar pelo Brasil, entre o final de 2015 e início de 2016, eu não imaginava que ela poderia chegar na minha cidadezinha natal. Caxias do Sul é a segunda maior cidade do Rio Grande do Sul e fica há aproximadamente 45km de Porto Alegre. Com população estimada de 483.377 habitantes (IBGE, 2017, s.p.), o município é conhecido pela imigração italiana, por grandes empresas do ramo metalúrgico, pelo culto ao trabalho⁴ e pela ameaça iminente de greve de professores que nunca se concretiza. Em razão dessas características, a população local ficou surpresa ao saber que, em pleno inverno na serra gaúcha, algumas escolas públicas haviam sido tomadas pelos secundaristas⁵.

Quatro instituições foram ocupadas: Colégio Estadual Henrique Emilio Meyer, Escola Estadual de Ensino Médio Cavalheiro Aristides Germani, Escola Estadual de Ensino Médio Professos Apolinario Alves dos Santos e Instituto Estadual de Educação Cristóvão de Mendoza. No topo da lista de reivindicações melhoria na infraestrutura dos prédios, demanda que foi se somando a outras reivindicações, como o pagamento de salário para os professores e aumento dessa remuneração mensal⁶. Ao tempo dos fatos, estudantes universitários e militantes de diversos coletivos organizados procuraram as escolas como forma de prestar apoio. Além da militância, me aproximei dos ocupas para tentar compreender sujeitos e práticas dentro das escolas.

¹ Até o dia 1º de março, o déficit era de 343 profissionais (G1 RS; RBS TV, 2018, s. p.).

² Em consulta ao *site* da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SECRETARIA DA EDUCAÇÃO, 2018, s.p.), é possível acessar os editais de contratos emergenciais. As chamadas públicas ocorrem todos os anos, pelo menos, desde 2009.

³ Na rede básica do Estado, apenas 11% das escolas públicas possuem a infraestrutura adequada descrita no Plano Nacional de Educação (MATOS, 2014, s.p.).

⁴ Em 2014, o lema da prefeitura da cidade era “Caxias do Sul, da fé e do trabalho”.

⁵ Um levantamento mais detalhado sobre a linha do tempo das ocupações estudantis pode ser lido em: BELLO, Enzo; MASCARELLO, Renata Piroli. Ocupando e resistindo, ensinando e aprendendo: as experiências de cidadania democrática dos estudantes secundaristas nos ocupas escolares. Empório do Direito, Empório do Direito, 13 jun. 2016.

⁶ Com o aumento de 6,81% previsto para esse ano, o salário atual gira em torno de R\$ 2.455,35 para os educadores com jornada de 40 horas semanais (KERSCHNER, 2018, s.p.).

Por conta de uma condição de azar já aceita, militei na ocupação mais longa e talvez mais complexa da cidade, um prato cheio para uma pesquisa amadora e não planejada. Nesse contexto em que tudo era feito mais pela emoção do que pelo planejamento (ativismo e pesquisa), foi possível revisitar conceitos e formas de luta, além de problematizar ideários recentes e até consolidados na militância, na academia e mesmo no imaginário popular. Sobretudo, foi um momento fundamental para o aprendizado mais amplo e irresponsável possível.

Seguindo meu “plano” (ou apenas minha curiosidade), procurei observar quem eram os atores e quais suas práticas de atuação. Meu desejo oculto era de estar diante de um sujeito revolucionário e de classe. Para defender esse desejo, criei narrativas e malabarismos conceituais capazes de defender essa premissa, mas tudo caiu por terra em pouco tempo e passei a olhar aqueles adolescentes de forma mais realista. Meus primeiros passos foram como uma entusiasta marxista quase dogmática; enquanto meus últimos foram mais interessados em fazer uma crítica da crítica. Esse amadurecimento deu início aos meus estudos sobre atores sociais, formalizados neste ensaio e divididos em três seções.

Entendendo que se trata do ponto de partida da discussão, o *primeiro tópico* descreve a ocupação do Instituto Estadual de Educação Cristóvão de Mendoza, pontuando, especificamente, detalhes e informações sobre como eu enxergava aquele grupo. Esta seção é apenas um relato e se apoia única e exclusivamente à experiência vivenciada. A *segunda seção* dá início à abordagem teórica. Aqui, faço algumas provocações quanto ao caráter de novidade atribuído às ocupações, questionando o quão nova esse tipo de estratégia, de fato, partindo da leitura de Maio de 1968. Ainda neste tópico, ilustro alguns conflitos ocorridos no caso empírico relacionando-o com as Jornadas de Junho de 2013. Por fim, no *terceiro momento* procuro analisar os estudantes enquanto grupo (ou formação de grupo) e suas estratégias de luta com base no guia de Bruno Latour e a Teoria Ator-Rede.

O ponto de partida é o caso empírico, enquanto o caminho é sua articulação com os aspectos teóricos trazidos. O destino final ainda é incerto, uma vez que não procuro uma explicação plena sobre o que vivi em Badiou ou Latour. Admito quando teoria e prática não batem, na tentativa de relacionar esses autores muito mais com o objetivo de pensar e problematizar, do que de explicar.

Se o destino final deste ensaio é incerto, não se pode dizer o mesmo sobre a conclusão da ocupação. Ao ocuparmos a escola, subvertemos uma estrutura de hierarquias e poder; reimaginamos o espaço com outros propósitos; investimos nosso tempo e energia em algo que

parecia maior que todo e qualquer ônus. Sofremos, nos desgastamos e aprendemos muito mais quando a escola virou casa e, portanto, local dos nossos corpos, sonhos e afetos.

Sáímos de lá com uma vitória material e pessoal; movimentamos comunidade escolar, famílias e agentes do Estado; influenciámos na cidade no entorno, na escola e em nós mesmos. Ninguém saiu ileso ou ilesa, por isso essa história merece ser *contada*, para não ser esquecida; *pensada*, para agregar conhecimento no campo acadêmico; e *passada* (adiante), para que experiências assim voltem a acontecer e outros espaços e outras pessoas possam ser objeto de uma profunda transformação.

2. DESCRIÇÃO DO ESTUDO DE CASO: DA MINHA CASA PARA A NOSSA OCUPAÇÃO

No dia 21 de maio de 2016, saí de casa para visitar o Instituto Estadual de Educação Cristóvão de Mendoza, a maior escola da minha cidade⁷ (SAMPAIO, 2016, s.p.) e ocupada desde o dia anterior. Cheguei pela manhã com um grupo de advogados para conversar com os estudantes sobre algumas questões jurídicas referentes à ocupação. Eles perguntavam o que podiam e o que não podiam fazer, os advogados respondiam e eu, quieta num canto, observava e anotava tudo e um caderno.

O encontro iniciou às nove horas da manhã e encerrou por volta do meio-dia. Estava de carona combinada para sair assim que a atividade terminasse, mas acabei ficando para almoçar com os alunos. Logo após, permaneci para acompanhar a execução de uma atividade supervisionada. Aproveitando a estada, aguardei até que chegasse o jantar. Quando me dei por conta, o relógio apontava para as dez horas da noite e, finalmente, tive que voltar para casa. Na manhã seguinte, fui até a escola novamente e segui nesse ritmo – de chegar cedo e sair tarde – pelas duas semanas subsequentes.

Apesar de aparecer pela primeira vez com um grupo de advogados, pouco me importavam os limites e as permissões jurídicas daquela ação. Eu queria mesmo era observar a organização das salas; o modo como os adolescentes se portavam; quem tinha mais e menos iniciativa; e outros elementos que identificassem a estrutura e as ideias da ocupação. Acompanhei ativamente apenas metade do processo (que durou um mês) e pude perceber práticas que eram incomuns para mim enquanto militante estudantil e partidária.

As duas semanas foram intensas: renunciei a muitos preconceitos; descobri que tenho uma paciência inimaginável; me senti responsável por trinta adolescentes (muitos mais altos do que eu); e aprendi bem mais do que supostamente deveria ensinar. Dentre as temáticas e observações, destaco: (a) gestão; (b) apoio externo e comunicação; (c) protagonismo e reafirmação da identidade; (d) processos decisórios; e (e) subjetividade coletiva.

Quanto à *gestão*, a ocupação era organizada por meio da autogestão e qualquer resquício de “tomada de poder” era questionado. Por óbvio, havia estudantes mais engajados que assumiam mais tarefas, mas todos os movimentos possíveis eram debatidos e decididos em

⁷ Até 2015, eram 1.673 alunos matriculados (FRONZA, 2015, s. p.). Além do número de alunos, o Cristóvão de Mendoza se destaca por ser a única escola pública da cidade a oferecer o curso de magistério; por comportar o Centro de Línguas Estrangeiras Cristóvão de Mendoza (CLECS), cujos cursos são destinados a estudantes de baixa renda; e por dispor de salas de aula para a Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, ainda sem campus próprio.

assembleia. A título de exemplo, vale citar que o ocupa se deu de forma espontânea, mas muito motivada pelas escolas de São Paulo. A decisão de ocupar foi tomada por meio de assembleias gerais chamadas pelo Grêmio Estudantil nos turnos da manhã e da noite. Os votos favoráveis ao ato causaram um contraste visual em meio às mãos erguidas, porém, se dissiparam na hora de executar o que foi decidido. Para manter o comprometimento dos envolvidos ao longo dos dias de ocupação, foram eleitos pequenos grupos responsáveis por pastas específicas, como segurança, alimentação e comunicação.

No tocante ao *apoio externo*, muitos coletivos organizados na cidade se aproximaram da escola por meio de integrantes individualmente interessados. Apareceram pessoas ligadas a grupos com expressão nacional⁸, a coletivos locais⁹ e pessoas sem qualquer ligação política com sigla alguma. Essas pessoas auxiliavam o ocupa como podiam – arrecadação de alimentos, elaboração de atividades extracurriculares, presença na escola durante a hora de dormir e presença diária como auxílio motivacional e intelectual (foi nesse último que eu fiquei mais tempo).

Ainda no que concerne aos grupos do lado de fora da ocupação, os ocupantes eram livres para, individualmente, se filiarem a qualquer coletivo organizado. No entanto, as entidades estudantis, sindicatos e partidos políticos que tentaram se inserir na ocupação, ainda que prestando apoio externo, eram vistos com muita desconfiança. A maior preocupação era de apropriação do movimento por parte desses grupos.

Outra maneira dos alunos dialogarem com o mundo externo era por meio das *redes sociais*. A internet era uma grande aliada, na medida em que era um instrumento de divulgação e mobilização das ações do ocupa. Grupos de conversa, como o aplicativo *WhatsApp*, eram utilizados para conectar ocupantes com seus apoiadores internos e externos em tempo real, enquanto uma página da ocupação na rede social *Facebook* tinha um caráter mais retroativo (contando fatos que já haviam acontecido) e porvindouro (convocando para eventos que iriam acontecer). O *Facebook* foi utilizado em tempo real pouquíssimas vezes para mostrar as atividades sendo executadas e uma vez para denunciar ameaças.

Sobre o *protagonismo e reafirmação da identidade*, percebi que as meninas eram proativas e assumiam a maioria das tarefas; meninos assumidamente homossexuais também

⁸ Frente Povo Sem Medo, Movimento Revolucionário de Trabalhadores (MRT), Marcha Mundial de Mulheres (MMM), Levante Popular da Juventude, Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

⁹ Bloco de Lutas e Sindicato dos Trabalhadores em Educação (CEPERS). O primeiro é um grupo de anarquistas cuja maioria é estudante do curso de História; o segundo é o sindicato de professores estaduais, cuja sigla recupera o nome antigo de Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul.

eram fundamentais na manutenção da ocupação. Esses dois grupos, inclusive, frequentemente reafirmavam sua identidade de gênero e expressão sexual. Os meninos homossexuais, que eram em maior número e mais incomodados que as poucas meninas, exigiam respeito à sua sexualidade e as meninas, homo e heterossexuais, brigavam para afirmar paridade na representação externa da ocupação (para órgãos de imprensa e instituições políticas) e na divisão correta das tarefas de manutenção da escola, como limpeza e organização.

Os *processos decisórios* eram acirrados e cansativos, pois tratava-se de um coletivo extremamente fragmentado por diferentes, e até divergentes, identidades de gênero, expressões sexuais e posições políticas. Essas diferenças se exaltavam nas assembleias e reuniões e, para manter a unidade, eu costumava evocar o fato de serem estudantes e as demandas que reivindicavam – fatos que, teoricamente, deveriam gerar solidariedade entre eles. Nem sempre funcionava.

Chamou minha atenção que o exercício de uma democracia radical nos processos decisórios distanciou a ocupação de movimentos sociais cuja organização acontecia (e acontece) trivialmente de modo vertical. Por outro lado, os embates internos de reafirmação de identidade os distinguiram das formas mais recentes de mobilização espontânea, pois – diferente destas, em que as demandas são pulverizadas em uma massa amplamente heterogênea – o ocupa tinha objetivos finais bem delimitados.

As assembleias e essa relação entre semelhanças e diferenças me remetem à *subjetividade coletiva*. Alguns minutos com aqueles adolescentes já tornavam perceptível a variedade de pessoas, pensamentos, cores e amores presentes na escola. Destaco alguns perfis de alunos que encontrei com maior frequência, só para o leitor ou leitora ter uma noção da diversidade existente naquele grupo:

Quadro 1 - Alguns perfis dos alunos e alunas (continuação)

A., a minoria	Jovem, pobre, negro, nordestino/migrante, homossexual e canhoto. Chegou em Caxias, provavelmente, por causa de um relacionamento amoroso. Emancipado, morava sozinho e passou a ser mais participativo quando assumiu a agenda da ocupação, ou seja, as atividades que deveriam tomar o tempo dos estudantes presentes na escola. Era ansioso e comprometido, mas não parecia entender a profundidade daquele movimento.
B., a engajada	A menina com mais iniciativa do grupo, tinha ligação direta com a Democracia Socialista (DS), corrente do Partido dos Trabalhadores (PT) que tentava disputar a juventude secundarista com a União da Juventude Socialista (UJS), corrente do Partido Comunista do Brasil (PCdoB). Era estudante do magistério, trabalhava com crianças no turno da tarde e se relacionava bem com imprensa, vereadores e com a diretora da escola. Estava tão engajada que trouxe uma de suas irmãs para ajudar na ocupação.
C., o perdido	Claramente, ele não sabia o que estava fazendo ou acontecendo. Não prestava atenção nas reuniões e, por isso, não seguia nenhuma recomendação e fazia tudo ao contrário do que era combinado. Apesar de bem-intencionado, era como falar como uma porta. Provavelmente, estava lá para fazer parte do acontecimento.

Quadro 2 - Alguns perfis dos alunos e alunas (conclusão)

D., o prodígio	Culto, alto e magricelo, usava aparelho e rabo de cavalo. Queria estudar Química pela profissão e História pelo <i>hobby</i> . Sabia arrombar portas com um grampo. Sua mãe era depressiva e, possivelmente, estava internada numa clínica psiquiátrica no calor dos fatos. Ouvi dizer que ele fazia os trabalhos da faculdade para ela.
J., a descolada	Maior de idade e homossexual, executou trabalhos mais burocráticos, como entrega do formulário de autorização, assinado pelos pais, que permitia a entrada dos alunos na ocupação. Não tinha muito perfil para elaboração de agenda, mas era muito engajada na execução das tarefas que recebia.
L., o socialista real	Era vinculado à Faísca, parte jovem do Movimento Revolucionário de Trabalhadores (MRT) e afirmava que seu grupo era o grande responsável pelo movimento por ser a protagonista das escolas de São Paulo. Se dizia anticapitalista e evocava Trotsky – o que havia lido de Trotsky, exatamente, nunca soube; com seus dezessete anos de vida, convenhamos, provavelmente nada. Era o mais preocupado com os rumos da ocupação, mas também era autoritário e centralizador. Gostava de se colocar enquanto referência: era quem administrava a página virtual do ocupa e um dos que costumavam representar o grupo diante dos holofotes. Sua família era arbitrariamente contrária ao movimento.
M., o problema	O menino-problema da sala de aula virou o menino-problema da ocupação. Gostava de estar no ocupa para se relacionar com as meninas e para aparecer, se colocando enquanto porta-voz do grupo em diversas ocasiões. Brigou com seus colegas, com quem era do lado contrário e com os apoiadores. Chegou ao cúmulo de ser escoltado para não ser vítima de violência física e nos ameaçava cada vez que era enfrentado.
V., o conciliador	Assim como a Bianca, era ligado à DS e estudava magistério. Era uma das principais lideranças da ocupação, alternando momentos de foco e decisão, com histerias repentinas que me faziam perder o respeito. Era homossexual e dialogava muito bem com as instituições por causa da sua paciência.

Durante o processo, entendi que era necessário evocar suas qualidades individuais e o que os unia, em um movimento dialético. Entretanto, a “classe estudante” não era algo que eles tinham em comum. Era certo que a maioria estava matriculada no ensino médio, mas se isso fosse de fato determinante, não haveria um número expressivo de alunos do lado de fora da escola, exigindo o fim da ocupação e o prosseguimento imediato do calendário escolar.

Os jovens que ocupavam não eram melhores estudantes por estarem lá ou teriam adquirido uma “consciência de classe” – mesmo porque a ocupação havia juntado os destaques e os bagunceiros da turma –, eles só eram, em parte, comprometidos com a qualidade da educação pública e alguns estavam lá porque tinham visto esse tipo de ação na internet.

A convivência mostrou que nem as pautas eram total consenso. Tinha gente dormindo lá que mal sabia o que estava acontecendo, ao mesmo tempo em que alguns alunos queriam implantar o socialismo no país (por meio da ocupação, claro). Tivemos que fazer uma lista de reivindicações que contemplasse a maioria, mas novas demandas internas surgiam diariamente, em especial, as de reafirmação de identidade e gênero citadas anteriormente.

Passados quase dois anos da experiência, ainda busco a “razão” pela qual aqueles jovens, de forma conjunta e espontânea, ocuparam a escola. Meu entendimento acerca disso ainda não está completo, mas arrisco dois palpites: os adolescentes estavam unidos por causa da ocupação, isto é, era o espaço que os unia – fisicamente, politicamente e diariamente –, o

que ficou corroborado ao lembrar que muitos deles mal se conheciam antes do ocupa; ao mesmo tempo, antes de se colocarem naquele espaço, cada estudante agiu por suas demandas individuais. Explico.

A estrutura precária do prédio e as práticas educacionais nas salas de aula os motivaram a agir; a necessidade de manutenção da ocupação os obrigaram a se organizar, delimitar tarefas, pautas e a exercerem uma forma radical de democracia participativa; a convivência fez com que descobrissem mais de si e mais do outro, compreendendo as características que os diferenciavam.

Tudo isso foi resultado de um amplo movimento de resistência às diversas formas de opressão internas e externas. Cada um e cada uma – com sua história, seus estigmas, suas concessões e reivindicações – transformou aquele espaço em um local de exercício da vida compartilhada enquanto o espaço os tornava sujeitos políticos, num movimento desordenado e conflituoso de doação e compreensão em prol de tudo o que representava aquele território tão disputado.

3. “A NOVIDADE” OU “HÁ NOVIDADE?”: CONTEXTUALIZANDO SUJEITOS E PRÁTICAS

Quando as primeiras escolas públicas começaram a ser ocupadas em São Paulo, pelo menos na minha cidade, um sentimento de esperança tomou conta de muitas pessoas ligadas a partidos, coletivos e movimentos sociais. Para quem estava acostumado com uma militância vinculada aos grupos referidos, o surgimento de uma massa independente de grupos tradicionais e articulada em nível nacional representou uma surpresa positiva, especialmente pelo momento histórico de dificuldade de uma representativa atuação política de base.

Pela idade dos ocupantes e pelos métodos não tradicionais de organização e manifestação política, em conversas informais, se cogitou o surgimento de algo *novo*, isto é, um novo movimento social, uma nova esquerda, uma nova forma de ação social ou tudo isso e algo mais¹⁰. Apesar do movimento ter suas particularidades, como qualquer outra mobilização dessa natureza, não se pode dizer que tais ações são totalmente inovadoras; aliás, o que podemos identificar é que há uma repetição de diversos elementos já vividos há alguns anos atrás.

A partir da leitura de Alain Badiou (2012), refuta-se a ideia de novidade por meio do contexto e ações sociais ocorridas em Maio de 1968, na França. Na ocasião, os jovens franceses se depararam com as pressões para o aumento da produtividade e a necessidade de qualificar a força de trabalho, requisitos oriundos do desenvolvimento do capitalismo fordista. As universidades foram majoritariamente ocupadas por futuros trabalhadores que, desde o início, do movimento defendiam a recusa de uma universidade ao serviço do capital, a defesa dos interesses dos trabalhadores no interior da universidade e a aliança entre intelectuais e classe operária¹¹ (BERNARDO, 2008, p. 22-23).

Embora o estopim tenha vindo do meio estudantil, Maio de 1968 contou com *diversos atores*, cada um com uma visão de mundo e uma atuação muito particular, quais sejam: a juventude estudantil¹², os operários fabris e os artistas¹³ (BADIOU, 2012, p. 30-32). Outro

¹⁰ Essas frases surgiram informalmente e em momentos e espaços distintos, mas sempre vinculados à militância. Em pesquisas, esse argumento não apareceu em textos acadêmicos.

¹¹ A partir de uma pesquisa documental, Bernardo (2008) fez um levantamento do que conteúdo de jornais e panfletos emitidos na época.

¹² “Em primeiro lugar, essa rebelião foi um fenômeno mundial na época [...]. Em segundo lugar, devemos lembrar que, nessa época, a juventude universitária e secundarista representava uma minoria da juventude propriamente dita. [...] Em terceiro lugar, os elementos de novidade são de duas ordens: de um lado, a força extraordinária da ideologia e dos símbolos, do vocabulário marxista, da ideia de revolução; do outro, a aceitação da violência – defensiva e antirrepressiva, sem dúvida, mas violência. [...] Tudo isso compõe um primeiro Maio de 1968” (BADIOU, 2012, p. 31).

¹³ Apesar de ter os artistas como protagonistas do que chama de “Maio Libertário”, esse momento é mais profundo, pois diz respeito “à questão da mudança dos costumes, das novas relações amorosas, da liberdade individual, à questão que leva ao movimento de mulheres e, mais tarde, dos direitos e da emancipação dos homossexuais”. Os

elemento contemporâneo a Maio de 1968 é a *forma de atuação*, isto é, a ocupação de um espaço simbólico: para os estudantes, foi a universidade; para os operários, foram as grandes fábricas; para os artistas, foi o teatro (BADIOU, 2012, p. 33).

O movimento também teve *conflito entre as novas e as tradicionais formas de organização social*. Nas palavras de Badiou (2012, p. 33), houve um verdadeiro confronto entre o que chama de esquerdismo político (majoritariamente representado pelo trotskismo e pelo maoísmo) e esquerdismo cultural (em geral anarquista)¹⁴. Esse tipo de confronto fica nítido quando pensamos que as greves operárias (1967) iniciaram de forma independente das instituições laborais oficiais e que parte delas, as “greves selvagens”, faziam um esforço para se distinguir das jornadas sindicais tradicionais (1968), estruturadas em torno de grandes fábricas e estimuladas pelos sindicatos (BADIOU, 2012, p. 31-32).

O autor também demonstra algumas divergências no tocante aos desdobramentos daquela mobilização: se, por um lado, representou a realização de novas eleições – cujo resultado “foi a Câmara mais reacionária que já se viu!” –, por outro, reprimiu qualquer demonstração de novidades e rupturas (BADIOU, 2012, p. 36). Esse aspecto facilmente se articula com a *crise de representação*, considerando que o projeto partidário de ascensão ao poder por meio de disputas eleitorais está nitidamente gasto (BADIOU, 2012, p. 40) e, portanto, é praticamente impossível que a população se sinta representada.

A partir da narrativa exposta por Badiou, pode-se elencar quatro fatores semelhantes às ocupações estudantis, a saber: (a) diversidade de sujeitos; (b) ocupação de espaços com forma de atuação; (c) conflito entre os “novos” e os “velhos” coletivos; e (d) contexto de crise política/de representação e crise do capitalismo/de sobreacumulação. Somos contemporâneos de um momento histórica e de formas de luta que não acabaram¹⁵.

No Brasil, todos esses elementos foram escancarados com as Jornadas de Junho de 2013. Em suma, percebo que, a partir de 2013, as organizações sociais têm unificado diversas

artistas ganham protagonismo na medida em que esses valores alteraram os aspectos da cultura: “[...] com a ideia de um novo teatro, uma nova forma de discurso público, um novo estilo de ação coletiva, com a promoção do happening, da improvisação, com o estado geral do cinema... Isso também é um componente particular de Maio de 1968, que podemos chamar de ideológico e que, apesar de cair algumas vezes no anarquismo esnobe e festivo, faz parte do tom geral do evento [...]” (BADIOU, 2012, p. 32).

¹⁴ “Tudo isso dá uma imagem de Maio de 1968 de efervescência contraditória e não de festa unificada. A vida política de Maio de 1968 foi intensa e ocorreu numa multiplicidade de contradições” (BADIOU, 2012, p. 33).

¹⁵ “[...] Somos contemporâneos de 1968 do ponto de vista da política, de sua definição de seu futuro organizado, portanto num sentido muito forte da palavra “contemporâneo”. É claro, o mundo mudou, as categorias mudaram: juventude estudantil, operários, camponeses significam outras coisas hoje, e as organizações sindicais e partidárias dominantes na época estão em ruínas. Mas nós temos o mesmo problema, somos contemporâneos do problema que 1968 trouxe à tona, ou seja, a figura clássica da política de emancipação era inoperante” (BADIOU, 2012, p. 39).

pessoas, com perfis, identidades e até com pensamento político distintos; a ocupação de espaços e órgãos públicos é uma ferramenta de manifestação; há constante conflito e dificuldade de diálogo entre os jovens manifestantes e aqueles mais vinculados a coletivos tradicionais; há uma permanente descrença na política e ainda sentimos as consequências da crise do capitalismo.

De todo esses tópicos elencados por Badiou e que se repetiram em 2013, chamo atenção para os atores, tão-somente por pensar que é a parte mais curiosa. Para entender essas questões, é preciso voltar um pouco no tempo. Após anos de ditadura civil-militar (1964 a 1985), alguns setores da sociedade buscaram o reconhecimento de direitos em consonância com o movimento de abertura democrática e instauração de uma nova ordem normativa que ocorreu no Brasil (1985 a 1988). Movimentos sociais dos mais diversos segmentos lutaram pelo reconhecimento formal de direitos, bem como pela sua efetivação, ou seja, suas lutas estavam muito ligadas às leis e políticas públicas, o que sinaliza uma dose de esperança nesse novo Estado que estava a surgir.

Em contraponto a esse tipo de percepção, as recentes experiências de participação política que vivenciamos se caracterizam, em especial, pelo descontentamento com o Estado. Motivadas por eventos como a Primavera Árabe (2010) e o *Occupy Wall Street* (2011), as Jornadas de Junho (2013) questionaram a eficiência e a autoridade atribuídas ao Estado. Ademais, em acordo com Angela Alonso e Ann Mische (2015), esse ciclo de protestos era composto por diversos atores, dentre os quais destaco os *socialistas* e *autonomistas*¹⁶, grupos que teoricamente detinham de objetivos em comum, mas nas suas semelhanças tinham muitas divergências:

Quadro 3 - Socialistas e autonomistas (continuação)

Socialistas	O repertório socialista é bem conhecido e tem sido altamente visível nas primeiras ondas de protesto do Brasil nos anos 80 e 90; consiste de comunidades ativistas altamente comprometidas, demonstrações públicas de filiação organizacional (por exemplo, através de faixas vermelhas, camisetas com símbolos partidários ou de movimento, distintivos de festa, bandeiras), organização centralizada e hierárquica e alta visibilidade de liderança, tanto em fóruns públicos (assembleias, conselhos, coligações) e em protesto de rua. Suas reivindicações centram-se em torno de uma crítica à exploração capitalista, à desigualdade e exclusão social e às elites políticas e econômicas. Muitos dos ciclos anteriores de protestos no Brasil tiveram uma forte presença do repertório socialista, que foi compartilhado em graus variados pelos movimentos estudantis, populares, trabalhistas e de reforma agrária ¹⁷ (ALONSO; MISCHÉ, 2015, p. 16, tradução livre).
-------------	--

¹⁶ Alonso e Mische ainda falam em um perfil *patriota* que, por ter um caráter mais conservador, não será citado no presente ensaio.

¹⁷ “The socialist repertoire is well known and had been highly visible in Brazil’s earlier protest waves in the 80s and 90s; it consists of highly committed activist communities, public displays of organizational membership (e.g., via red banners, T-shirts with partisan or movement symbols, party badges, flags), centralized and hierarchical organization, and high leadership visibility, both in public forums (assemblies, councils, coalitions) and in street

Quadro 4 - Socialistas e autonomistas (conclusão)

Autonomistas	O repertório autonomista, que ganhou atenção mundial durante os protestos de Seattle, pode ser visto como reformulação das formas anarquistas de organização do século XIX que rejeitam liderança centralizada e autoridade, particularmente do estado, e a aceitação de formas de contestação pelo confronto. Elementos recentes que vêm aparecendo em movimentos de jovens em todo o mundo incluem marchas convencionais não-violentas, ação direta (como protesto sentado e ocupações) e exibições públicas de resistência, incluindo táticas <i>black bloc</i> , queima de objetos e destruição de símbolos de Estado e poder econômico. Este repertório inclui formas de organização horizontais que geram fontes alternativas de poder fora do Estado e rejeitam o objetivo de aproveitar totalmente o poder do Estado ¹⁸ (ALONSO; MISCHÉ, 2015, p. 17, tradução livre).
--------------	---

As Jornadas de Junho trouxeram às ruas socialistas e autonomistas, embora os socialistas fossem minoria¹⁹. Esse fato se repetiu no ocupa, o que causou um curioso estranhamento. O pessoal acostumado com uma organização mais tradicional (que vou chamar de socialistas) se aproximou da ocupação com o pretexto de ajudar, o que de fato aconteceu. No entanto, era inevitável uma tentativa de aproximação entre os socialistas e o pessoal do ocupa (que vou chamar de autonomistas) como forma de trazer os estudantes para o seu movimento.

O conflito foi inevitável. Acusações de cooptação geraram revolta, ao mesmo tempo em que os socialistas garantiam infraestrutura aos autonomistas (locomoção de carro, aparato jurídico, alimentos). Os socialistas não entendiam a ausência de uma liderança no ocupa, enquanto os autonomistas tinham um viés de organização horizontal. Em contrapartida, os autonomistas eram desorganizados, mal articulados com as instituições e sem um projeto a longo prazo consolidado.

A relação de desconfiança e cooperação perdurou até o último dia. Enquanto isso, do lado de fora, uma massa conservadora ganhava força e unidade – mas isso é assunto para outro momento.

protest. Their claims center around a critique of capitalist exploitation, social inequality and exclusion, and political and economic elites. Many of Brazil's previous protest cycles had a strong presence of the socialist repertoire, which was shared to varying degrees by the student, popular, labor, and land reform movements".

¹⁸ "The autonomist repertoire, which gained global attention during Seattle protests, can be seen as reframing of the 19th century anarchist forms of organizing that reject centralized leadership and authority, particularly the state, and the acceptance of confrontational forms of contestation. Recent elements that have been appearing in youth-based movements worldwide include conventional non-violent marches, direct action (such as sit-ins and occupations), and public displays of resistance, including black bloc tactics, the burning of objects and damage of symbols of state and economic power. This repertoire includes horizontal organizing forms that generate alternative sources of power outside of the state, and rejects the goal of seizing state power altogether [...]" (ALONSO; MISCHÉ, 2015, p. 16).

¹⁹ "The early round of smaller protests were dominated by the autonomist field (MPL and allied groups), while the patriotic field grew as the protests expanded to the broader population. While there was overlap and exception, our data suggests that these two repertoires encompass the two major fields of engagement during the June protests, displacing the earlier dominance of the socialist repertoire" (ALONSO; MISCHÉ, 2015, p. 20).

4. TEORIA, PRÁTICAS, ATORES E REDES: ARTICULANDO O SOCIAL

Ao me deparar com a ação insurgente de um grupo, automaticamente, me perguntei em qual “catálogo” eu poderia colocar aqueles jovens. Por exemplo: seriam eles um estrato dos novos movimentos sociais ou dos novíssimos movimentos sociais? Esse questionamento não aconteceu apenas pelo meu amadorismo enquanto pesquisadora, mas pelo fato de estarmos condicionados a crer que “o principal postulado da sociologia seria que, a qualquer momento, os atores podem ser *enquadrados* num grupo – às vezes mais de um” (LATOURE, 2012, p. 50).

Acontece que a tentativa automática de encaixar atores em segmentos já estabelecidos pode comprometer o estudo e o olhar do pesquisador²⁰. Nesse sentido, me proponho a tentar estudar aqueles sujeitos a partir de um referencial teórico que pressupõe, acima de tudo, se libertar desses rótulos, sem deixar de lado o rigor teórico²¹.

Para tanto, adoto o método da Teoria Ator-Rede (do inglês *Actor-Network Theory*) por meio da obra “Reagregando o Social: Uma Introdução à Teoria do Ator-Rede”, de Bruno Latour. O exercício que proponho, reitero, é de um estudo *embasado* na Teoria Ator-Rede (cuja sigla, em inglês, é ANT), sem tentar um encaixe perfeito – e talvez forçado – entre abstração e prática. Procuo articular o estudo com a experiência, objetivando problematizar, compreender e avançar, na medida do possível, na temática das ocupações.

Para melhor compreensão do que se trata a ANT, destaco que a longa introdução de sua obra distingue bem o que Latour chama de *sociologia do social* da *sociologia das associações*. Sendo um filiado da segunda vertente, ele investe boas páginas na explicação do esgotamento da sociologia, na defesa por outra forma de olhar o social, e das possibilidades que o livro pretende apresentar ao leitor ou leitora. O autor busca, em especial, entender o que é o “social”. Para tanto, ele elabora um “guia de viagem por um terreno ao mesmo tempo

²⁰ “No entanto, quando temos os teóricos sociais, parece que a questão mais importante e mais urgente consiste em descobrir com qual grupo é *preferível* iniciar uma pesquisa social. Devemos considerar os agregados sociais como realidades constituídas por ‘indivíduos’, ‘organizações’, ‘classes’, ‘papéis’, ‘trajetórias de vida’, ‘campos discursivos’, ‘genes egoístas’, ‘formas de vida’, ‘redes sociais’? Esses teóricos nunca se cansam de designar certas entidades como reais, sólidas, comprovadas ou estabelecidas, enquanto criticam outras como artificiais, imaginárias, transitórias, fantasiosas, abstratas, impessoais ou destituídas de sentido. Devemos enfatizar o nível micro das interações ou consideraremos mais importante o nível macro? Não seria melhor ver nos mercados, empresas ou redes os ingredientes essenciais de nossa vida coletiva?” (LATOURE, 2012, p. 50).

²¹ “[...] enquanto cientistas sociais, economistas, historiadores, psicólogos e cientistas políticos se ocupam de suas colunas de jornal, demonstrações, aulas, relatórios, pesquisas, comissões e estatísticas para melhor redefinir grupos, para as teorias sociais ainda é como se a existência de atores relevantes não dependesse em nada dessa quantidade enorme de trabalho executado pelos profissionais, ou, pior ainda, é como se esse inevitável circuito reflexivo impedisse a sociologia de se tornar uma ciência (LATOURE, 2012, p. 51).

inteiramente banal e completamente exótico” (LATOUR, 2012, p. 38) com sugestões para compreensão de atores e associações.

Nesse sentido, suas sugestões de trabalho indicam que o pesquisador ou pesquisadora deve buscar estar o mais livre possível de pressupostos e se deixar levar pelos atores que observa, estando aberto²², inclusive, para se deparar com situações incomuns ao campo da sociologia convencional²³ (LATOUR, 2012, p. 31). Para elaboração deste ensaio, utilizei três fontes de incerteza presente na Parte I, isto é, “Como desdobrar controvérsias sobre o mundo social”. São elas: (a) não há grupos, apenas formação de grupos; (b) a ação é assumida; e (c) os objetos também agem. Cada um dos tópicos vai ser trabalhado articulando os pressupostos da ANT com os aprendizados em campo.

Utilizar a ANT como método de pesquisa ou análise é, desde logo, caminhar pelo desconhecido. Ora, acostumada com definições que, pelo menos à primeira vista, soam um tanto taxativas – como os já referidos “novos” e “novíssimo” movimentos sociais – me causou estranhamento o nome da *primeira fonte de incerteza*, isto é, “não há grupos, apenas formação de grupos”. Minhas premissas eram de que: (a) havia grupos distintos na escola disputando, literalmente, um espaço e, obviamente, (b) eu estava do lado dos oprimidos com potencial revolucionário. É verdade que apenas os estudantes em defesa da educação pública estavam assentados; entretanto, havia uma disputa de dentro da escola (pela manutenção do ocupa) e de fora (pela expulsão dos ocupantes e imediata retomada do calendário escolar).

Eu poderia defender o argumento de que eu estava do lado certo, mas Latour mostra que é possível escolher entre dois caminhos distintos: “ou seguimos os teóricos sociais e iniciamos a jornada determinando de início que tipo de grupo e nível de análise iremos enfatizar ou adotamos os procedimentos dos atores e saímos pelo mundo rastreando as pistas deixadas pelas atividades deles na *formação e desmantelamento de grupos*” (LATOUR, 2012, p. 51, original sem grifos).

²² “Para empregar um *slogan* da ANT, cumpre ‘seguir os próprios atores’, ou seja, tentar entender suas inovações frequentemente bizarras, a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos, que métodos elaboraram para sua adequação, quais definições esclareceriam melhor as novas associações que eles se viram forçados a estabelecer” (LATOUR, 2012, p. 31).

²³ “A sociologia do social funciona bem quando se trata daquilo que já foi *agregado*, mas nem tanto quando a problema e reunir novamente os participantes naquilo que não é - *ainda* - um tipo de esfera social” (LATOUR, 2012, p. 31).

Vou falar um pouco sobre a *formação do grupo*²⁴. A descrição da ocupação presente na segunda seção mostra como o coletivo de estudantes era diverso e fragmentado²⁵. Por ter uma formação espontânea e, veja só, desorganizada, o grupo demorou para ficar sólido e, ao mesmo tempo em que presenciei estudantes darem tudo de si pela causa, tive o desgosto de ver pessoas que passaram pela ocupação trocarem de lado e nos reprimirem. Esse paradoxo pode ser explicado pela reiterada alegação de que não havia nada que os unia de modo homogêneo.

Insisto nessa diversidade para não reduzir os estudantes a um grupo uniforme e coeso, valorizando suas potencialidades individuais – ainda que não me debruce sobre elas neste ensaio – e como elas se expunham no coletivo²⁶. Não se trata, portanto, buscar um “rótulo” de um agregado social aplicável ao ocupa, mas defender que foi essa pluralidade que trouxe imprevisibilidade, dificuldades e, ao mesmo tempo, um amadurecimento progressivo dos seus atores e apoiadores. Para Latour (2012, p. 55), “Os grupos não são coisas silenciosas, mas o produto provisório de um rumor constante feito por milhões de vozes contraditórias sobre o que vem a ser um grupo e quem pertence a ele”.

Falando em pertencimento, retomo a ideia de que o grupo era formado pelos secundaristas somados aos apoiadores mais presentes e cujo envolvimento permitisse uma identificação mútua, isto é, dos estudantes para o apoiador e vice-versa. Esse suporte foi fundamental para que a ocupação se mantivesse viva. Aliás, para o sociólogo francês, há um

²⁴ “Embora, à primeira vista, possa parecer mais fácil para os sociólogos estabelecer um grupo, em vez de mapear as controvérsias em torno da formação de grupos, ocorre exatamente o contrário e por boas razões empíricas. As formações de grupos deixam muito mais traços em sua esteira do que as conexões estabelecidas, as quais, por definição, devem permanecer mudas e invisíveis. Se um dado conjunto aí está pura e simplesmente, então é invisível e nada se pode dizer a seu respeito. O conjunto não deixa rastros e, portanto, não gera nenhuma informação: se é visível, está se fazendo e gerará dados novos e interessantes. A solução é substituir a lista de agrupamentos compostos de agregados sociais – tarefa impossível – pela de elementos sempre presentes em *controvérsias* a respeito de grupos – tarefa bem mais simples” (LATOUR, 2012, p. 54).

²⁵ “A primeira fonte de incerteza com a qual devemos aprender é que não há grupo relevante ao qual possa ser atribuído o poder de compor agregados sociais, e não há componente estabelecido a ser utilizado como ponto de partida incontestado. Muita pesquisa sociológica começou determinando um ou mais tipos de agrupamentos, se desculpando profusamente antes por essa limitação um tanto arbitrária - imposta, como muitas vezes se argumenta, pela “necessidade de restringir o alcance da investigação” ou pelo “direito que tem o cientista de definir seu objeto”. Mas esse não é de forma alguma o tipo de determinação, o tipo de obrigação, o tipo de defesa com que os sociólogos de associações desejam começar. O dever deles não é estabilizar - inicialmente quer seja por uma questão de clareza, convivência ou racionalidade - a lista de agrupamentos que compõem o social. Bem ao contrário: seu ponto de partida tem que ser justamente as controvérsias acerca do agrupamento a que alguém pertence, incluindo, é claro, as dos cientistas sociais em toda a composição do mundo social” (LATOUR, 2012, p. 51-52).

²⁶ “A ANT sustenta apenas que, uma vez acostumados a esses muitos quadros de referência mutáveis, chegaremos a uma boa compreensão de como o social é gerado, porquanto a conexão relativista entre quadros de referência permite um julgamento mais objetivo que as posições absolutas (ou seja, arbitrários) sugeridas pelo senso comum. Eis o motivo pelo qual é tão importante não começar por pronunciamentos do tipo: ‘Os agregados sociais são constituídos principalmente de (x)’. Não faz diferença se (x) representa ‘agente individual’, ‘organizações’, ‘raças’, ‘pequenos bandos’, ‘Estados’, ‘pessoas’, ‘membros’, ‘força de vontade’, ‘libido’, ‘biografias’, ‘campos’ ou seja lá o que for. A ANT, pura e simplesmente, não considera a sua função estabilizar o social em nome das pessoas que estuda: este é o dever dos ‘próprios atores’ [...]” (LATOUR, 2012, p. 53-54).

consenso geral na sociologia de que nenhum grupo se mantém vivo sem algum trabalho de manutenção²⁷.

Essa separação entre “secundaristas” e “apoiadores” – que eu utilizo desde o início do texto – perpetua uma lógica da sociologia do social, separando “em caixinhas” segmentos que compõem o mesmo grupo. Apesar de não utilizar essa categoria, Latour defende a ideia de *totalidade*, ou seja, toda a rede de luta constitui o grupo, seja qual for sua atribuição ou grau de participação – podendo, inclusive, ser um partícipe não-humano. Por mais que eu concorde com esse argumento, no caso prático, essa separação/unidade era nebulosa para todos os envolvidos, especialmente os estudantes.

A noção de separação/unidade estava atrelada principalmente às visões políticas. Os alunos com entendimento mais radical defendiam que os protagonistas eram apenas os estudantes; esse argumento estava nos símbolos (“lista de apoiadores”) e no discurso (“quem decide são os estudantes”). Contudo, haviam aqueles que enxergavam o apoio externo como participantes plenos, justamente por não serem alunos e estarem tão envolvidos; essa visão aparecia quando nós éramos incluídos nos debates de modo ativo e nossa participação era valorizada.

Poucas vezes esse assunto foi debatido abertamente na escola. Para nós (novamente, evocando a ideia de separação), que chegamos de modo tão espontâneo e fomos criando um envolvimento forte com a luta, soava como uma afronta aos estudantes nos colocar como parte ativa da ocupação. A decisão deles era soberana e as iniciativas tinham que vir deles. Nesse sentido, retomo a ideia exposta na primeira seção de que havia receio de que as pessoas de fora pudessem “se apropriar” no movimento.

Com base em todas essas ponderações, concordo com a ideia de totalidade na teoria, mas percebo que ela não se aplica plenamente no caso prático. Retomando o pensamento de Latour, o sociólogo expande a análise sobre grupos indicando a existência de mediadores²⁸ e intermediários²⁹. A incerteza quanto à natureza das entidades é constante (LATOUR, 2012, p.

²⁷ “Podemos atenuar as diferenças entre as duas escolas [a sociologia do social e a sociologia crítica] dizendo que, ‘naturalmente’, no entender de todos os cientistas sociais, os grupos precisam ser feitos e refeitos por outros meios não sociais e que não existe agrupamento capaz de preservar sua existência sem algum tipo de manutenção” (LATOUR, 2012, p. 62).

²⁸ “[...] não podem ser contados como apenas um, eles podem valer por um, por nenhuma, por várias ou uma infinidade. O que entra neles nunca define exatamente o que sai; sua especificidade precisa ser levada em conta todas as vezes. Os mediadores transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOUR, 2012, p. 65). “Um mediador, apesar de sua aparência simples, pode se revelar *complexo* e arrastar-nos em muitas direções que modificarão os relatos contraditórios atribuídos a seu papel” (LATOUR, 2012, p. 65).

²⁹ “[...] é aquilo que transporta significado ou força sem transformá-los: definir o que entra já define o que sai. Para todos os propósitos práticos, um intermediário pode ser considerado não apenas como uma caixa-preta, mas uma

66); porém, entendo que os *mediadores* são os apoiadores e a maior *intermediária* é a internet³⁰. O apoio externo, seja ele pontual ou frequente, influenciou, mesmo que indiretamente, na construção e, em especial, na manutenção do projeto. A internet, por sua vez, era mais um instrumento de divulgação do movimento e de tentativa de aproximação dele para com a comunidade escolar e civil³¹; era um meio para atingir um objetivo maior e uma infraestrutura necessária³².

Com isso, certifico a primeira fonte de incerteza e concluo que, no caso estudado, não havia grupos, mas um constante processo de formação composta por sujeitos, mediadores e intermediários. Esses elementos não necessariamente compõem uma totalidade, mas isso é algo que se almeja – e é por esse motivo, em especial, que a manutenção do grupo é constante. Gente que sai, gente que entra; disputas internas, disputas externas; escassez de recursos... Há diversas questões que independem dos protagonistas, mas que interferem diretamente na sobrevivência do grupo social, pois as conexões sociais resultam de “traços inesperados que as controvérsias em torno da formação de grupos nos deixaram” (LATOUR, 2012, p. 72).

Outro elemento importante para a ANT é a ação do coletivo, o que nos leva para a segunda fonte de incerteza, qual seja “a ação é assumida”. Essa incerteza traz consigo questionamentos do tipo “Quando agimos, quem mais age? Quantos agentes se apresentam? Por que nunca faço o que quero? Somos dirigidos por forças estranhas?” (LATOUR, 2012, p. 71). Latour adota um conceito de ação que, num primeiro momento, não se importa tanto com o verbo que lhe diz respeito (“ocupar”, “resistir”, “lutar”) ou sua consequência, sublinhando

caixa-preta que funciona como uma unidade, embora internamente seja feita de várias partes” (LATOUR, 2012, p. 65). “Não importa quão *complicado* seja um intermediário, ele deve, para todas as propósitos práticos, ser considerado como uma unidade – ou nada, pois é fácil esquecê-lo” (LATOUR, 2012, p. 65).

³⁰ Nesse sentido, indico o texto de Azevedo e Marques (2008), citado para elaboração da Figura 1, como exemplo. No trabalho, os autores defendem, ao contrário de mim, que algumas ferramentas virtuais, e, assim, a internet, são mediadoras.

³¹ O grupo tinha uma página no Facebook chamada #OcupaCristóvão. Como já mencionado, lá eles publicavam fotos das atividades, vídeos com denúncias e a agenda das aulas e oficinas.

³² “Resumamos a contraste de uma maneira rudimentar: os sociólogos do social acreditam em *um* tipo de agregados sociais, *poucos* mediadores e *muitos* intermediários; para a ANT, *não* há um tipo preferível de agregados sociais, existem *incontáveis* mediadores e, quando estes são transformadas em fiéis intermediários, não temos aí a regra, mas uma exceção *rara* que deve ser explicada por algum trabalho extra – usualmente a mobilização de ainda mais mediadores! Nunca dois pontos de vista sobre um mesmo objeto foram tão discrepantes!” (LATOUR, 2012, p. 67).

que ela é espontânea³³ e resultado de uma série de fatores, nem sempre identificados³⁴, que acomete, de modos distintos, um aglomerado de pessoas que *assumem* agir de modo comum³⁵.

Num segundo momento, o sociólogo relaciona a ação com seus meios e efeitos; nessa ceara, as consequências da ação assumem a identidade de mediadores ou intermediários³⁶. No caso em tela, entendo a ação, isto é, o ato de ocupar como um intermediário, pois foi um meio, um instrumento para atingir um objetivo maior (investimento na educação pública). Destaco que, apesar do conceito de que as complexidades dos intermediários “não são determinantes na análise dos objetivos do projeto” (MARQUES; AZEVEDO, 2008, p. 2), no caso exposto, o ocupa merece um destaque na ação, como já dito, pelo seu potencial transformador de espaços e pessoas. Por outro lado, não se trata de um mediador porque essas particularidades não influenciaram tanto na construção do projeto. O projeto de luta pela educação de qualidade já existia nos atores e seria defendido de uma forma ou outra; a relevância da ocupação se dá muitos mais pelo seu impacto do que pelo seu objetivo.

É perceptível que os sujeitos estão totalmente conectados com seus atos, intermediários e mediadores. Ainda, estão ligados à espontaneidade e a fatores “nem sempre identificados”, mas sugeridos aqui como as histórias individuais de cada envolvido (desde os secundaristas, passando pelos apoiadores e chegando nos opositores) e um contexto maior de precarização do direito à educação presente no país como parte de um projeto de enfrentamento equivocado da mais recente crise do capitalismo³⁷.

³³ Espontâneo, contudo, não quer dizer, necessariamente, que as pessoas não sabem o que estão fazendo: “Não é porque hesitemos quanto à fonte da ação que precisamos nos apressar em esclarecer de onde ela provém, [...]. A incerteza deve permanecer como tal o tempo todo, pois não vamos afirmar pressurosamente que os atores talvez não saibam o que fazem enquanto nós, os cientistas sociais, conhecemos a existência de uma força social capaz de ‘obrigá-los’ a fazer coisas sem querer. Conceber um impulso social oculto, um inconsciente, seria um meio seguro de reintroduzir esse éter do social que tanto desejamos descartar. E isso não porque os atores saibam o que estão fazendo e os cientistas o ignorem, mas porque uns e outros precisam permanecer intrigados com a identidade dos participantes em qualquer curso de ação, caso pretendam reagregá-los” (LATOURE, 2012, p. 76).

³⁴ “A ação não ocorre sob o pleno controle da consciência; a ação deve ser encarada, antes, como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções que só podem ser desemaranhados aos poucos. É essa venerável fonte de incerteza que desejamos restaurar com a bizarra expressão ator-rede” (LATOURE, 2012, p. 72).

³⁵ “A ação é *assumida* ou, como um colega sueco traduziu essa perigosa expressão hegeliana, *assumida por' outros!* Os outros a açabarcam e a dividem com as massas. É levada a cabo de maneira misteriosa e, ao mesmo tempo, partilhada. Não estamos sós no mundo. “Nós”, como “eu”, lembra um ninho de vespas; como escreveu o poeta Rimbaud, ‘A ação é *assumida* ou, como um colega sueco traduziu essa perigosa expressão hegeliana, *assumida por' outros!* Os outros a açabarcam e a dividem com as massas. É levada a cabo de maneira (LATOURE, 2012, p. 73) misteriosa e, ao mesmo tempo, partilhada. Não estamos sós no mundo. “Nós”, como “eu”, lembra um ninho de vespas; como escreveu o poeta Rimbaud, ‘*Je est un autre*’. [Eu é um outro]” (LATOURE, 2012, p. 73-74).

³⁶ “[...] os atores podem ter suas próprias *teorias da ação* para explicar como se produzem os efeitos das ações. [...] a grande distinção será decidir se a ação – uma vez dotada de existência, figuração e oportunidades – deve ser encarada como um intermédio ou como um mediador. Em ambos os casos, a conclusão do relato do ator parecerá muitíssimo diferente” (LATOURE, 2012, p. 90-91).

³⁷ “O ‘ator’, na expressão hifenizada ‘ator-rede’, não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção. Para apreender sua multiplicidade, a solução mais simples é reativar

Por essa infinidade de fatores (a *rede*) que compõem o *ator*, a ideia de uma unidade como a “classe estudante” precisa ser refutada. O grupo era muito maior que isso:

Empregar a palavra “ator” significa que jamais fica claro quem ou o quê está atuando quando as pessoas atuam, pois o ator, no palco, nunca está sozinho ao atuar. Interpretar coloca-nos imediatamente num tremendo *imbroglio*, onde o problema de quem está desempenhando a ação é insolúvel (LATOURE, 2012, p. 75).

Nesse palco também havia muitas controvérsias. Em uma cidade conservadora como Caxias do Sul, “da fé e do trabalho”, era de se esperar que um movimento de ocupação fosse visto com maus olhos pela população que, inclusive, se organizou em manifestações contrárias. O sociólogo francês aponta essa dose de rivalidade como uma das controvérsias sobre a ação³⁸ e defende que o pesquisador não tome partido³⁹. Embora concorde com a colocação, não vou segui-la em razão do meu envolvimento com os ocupantes e tomo a liberdade de relatar algumas percepções.

Nesse contexto em que, como dito, a maioria dos professores, pais e alunos, não aderiu ao ocupa⁴⁰, era comum termos acesso a conversas virtuais que ofendiam a iniciativa daqueles alunos ou mesmo pessoas que iam até o portão da escola para proferir ofensas. Um dos ataques que mais me chamou atenção aconteceu quando um dos pais dos ocupantes mais ativos quebrou a vidraça da porta do principal acesso à escola. Entretanto, senti que a hostilidade ganhou traços mais radicais durante uma noite em que um grupo de pais invadiu a escola e ameaçou os ocupantes com aparelhos de choque elétrico⁴¹. Alunos e pais estavam separados por uma grade e uma barricada improvisada com cadeiras e classes. O barulho do choque foi gravado e publicado no *Facebook* como forma de denúncia pedido de ajuda. Rapidamente, apoiadores foram até o local para resolver a situação.

as metáforas implícitas no vocábulo *ator*, que tenho usado como substituto por mera conveniência” (LATOURE, 2012, p. 75).

³⁸ “[...] os atores costumam criticar outras ações, acusando-as de falsas, arcaicas, absurdas, irracionais, artificiais ou ilusórias. Assim como o desempenho de grupo mapeia a bem do pesquisador os antigrupos que constituem seu mundo social, relatos de ação acrescentam constantemente novas entidades e *eliminam* outras como ilegítimas. Assim, cada ator mapeará em proveito do analista a metafísica empírica com que ambos se defrontam” (LATOURE, 2012, p. 89).

³⁹ “A única coisa que pode deter a pesquisa é a decisão, tomada pelos analistas, de escolher entre esses movimentos aqueles que consideram mais razoáveis. [...] caso [os cientistas sociais] queiram propor uma metafísica alternativa, precisarão primeiro participar das atividades de construção do mundo executadas por aqueles que estudam” (LATOURE, 2012, p. 89-90).

⁴⁰ Vale mencionar que alguns órgãos públicos foram muito participativas no processo de ocupação e desocupação. Ministério Público, Procuradoria do Estado, Secretaria de Educação e a Câmara de Vereadores foram algumas das instituições que, na pessoa de seus membros, agiu tanto da defesa quanto na repressão. A profundidade dessa relação, contudo, não será trabalhada nesse ensaio.

⁴¹ Com o fim da ocupação, esses mesmos pais formaram o grupo Pais de Bem, que deu continuidade às perseguições.

As redes sociais remetem à *terceira fonte de incerteza*, qual seja “os objetos também agem”. Para a ANT, a ação social “não apenas é assumida por estranhos como se transfere ou é delegada a diferentes tipos de atores capazes de levá-la adiante graças a outros modos de agir, a outros tipos de força” (LATOUR, 2012, p. 107). Esse conceito entende que “*qualquer coisa* que modifique uma situação fazendo diferença é um ator – ou, caso ainda não tenha figuração, um actante”⁴² (LATOUR, 2012, p. 108). Isso não significa que os objetos determinam a ação ou agem “no lugar” dos humanos⁴³, apenas que “nenhuma ciência do social pode existir se a questão de *quê e quem* participa não for logo de início plenamente explorada, embora isso signifique descartar elementos que, à falta de termo melhor, chamaríamos de *não humanos*”⁴⁴ (LATOUR, 2012, p. 109, original sem grifos).

Não é fácil identificar quando os objetos agem pois, muitas vezes, essa ação é muito sutil⁴⁵. Num primeiro momento, “repor objetos no curso normal da ação pode parecer inócuo”, já que ninguém duvida que panelas fervam água, por exemplo (LATOUR, 2012, p. 107); porém, mesmo o mais simples dos objetos pode deter de um forte valor prático e/ou simbólico:

Quando uma bicicleta bate numa pedra, isso não é um fato social; mas quando um ciclista ultrapassa um sinal de “pare”, é. Quando se instala uma nova mesa telefônica, isso não é um fato social; mas quando se discutem as cores de um aparelho telefônico, torna-se social porque existe, como dizem os projetistas, “uma dimensão humana” na escolha do dispositivo. Quando um martelo golpeia um prego, isso não é um fato social; mas quando se cruza a imagem de um martelo com a de uma foice, ambas entram na esfera social porque agora pertencem à “ordem simbólica” (LATOUR, 2012, p. 124).

⁴² “Para todos os outros membros da sociedade esses implementos fazem muita diferença e são, pois, segundo nossa definição, atores – ou, mais exatamente, *partícipes* no curso da ação que aguarda figuração” (LATOUR, 2012, p. 108).

⁴³ “Isso, é claro, não significa que os partícipes ‘determinem’ a ação, [...]. Essa inversão no rumo da influência funcionaria apenas como o meio de transformar os objetos nas causas cujos efeitos seriam conduzidos pela ação humana agora limitada ao papel de mero intermediário. Ao contrário, significa que devem existir inúmeros matizes metafísicos entre a casualidade plena e inexistência absoluta. Além de ‘determinar’ e servir de ‘pano de fundo’ para a ação humana, as coisas precisam autorizar, permitir, conceder, estimular, ensejar, sugerir, influenciar, intrometer, possibilitar, proibir etc.” (LATOUR, 2012, p. 108).

⁴⁴ “Essa expressão, como outras escolhidas pela ANT, não tem significado em si mesma. Não designa um domínio da realidade. Não se refere a duendes de gorro vermelho agindo nos níveis atômicos, mas somente àquilo que o analista estaria preparado para acolher a fim de explicar a durabilidade e a extensão de uma interação. O projeto da ANT cifra-se em ampliar a lista e modificar as formas e figuras dos participantes reunidos, esboçando uma maneira de fazê-los agir como um todo durável!” (LATOUR, 2012, p. 109).

⁴⁵ Destaco essa ilustração: “Sem dúvida, você se transformou num saco de batatas diante do aparelho de TV principal mente por causa do controle remoto, que lhe permite passar pachorrentamente de um canal a outro – no entanto, não há *semelhança* alguma entre as causas de sua imobilidade e a parte de sua ação assumida por um sinal infravermelho, muito embora se saiba que seu comportamento foi *permitido* pelo aparelhinho” (LATOUR, 2012, p. 109).

Para saber se o objeto agiu ou não⁴⁶, podemos fazer as seguintes perguntas: (a) ele faz diferença no curso de outro agente ou não?; e (b) haverá alguma prova para detectar essa diferença? (LATOIR, 2012, p. 108). É muito difícil responder a essas perguntas para o caso em tela, pois todos os objetos foram utilizados por motivações bem determinadas em que suas funções triviais não foram exatamente subvertidas. Trago alguns episódios que não foram narrados até então para ilustrar minha dúvida, ambos motivados por objetos: duas bandeiras e um grampo de cabelo.

As bandeiras foram hasteadas no pátio principal da escola, que ficava de frente para a rua. Uma delas era a bandeira da escola, com o escrito “ocupado”, enquanto a outra era a bandeira da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Esses objetos carregam *símbolos* de autonomia (quem mandava na escola eram os alunos) e, especialmente, de provocação (as bandeiras estavam particularmente visíveis para a massa conservadora que estava do lado de fora da escola).

O outro objeto é um grampo de cabelo, utilizado para arrombar portas de algumas salas de aula (por puro tédio e curiosidade) e a porta do refeitório (lacrada pela direção do instituto para dificultar a alimentação dos ocupantes). A falta de acesso ao refeitório não impediu que os estudantes conseguissem um botijão de gás e comida. O grampo carrega uma demanda *prática*, executada como manifestação de desobediência e de denúncia, já que, com o refeitório arrombado, os ocupantes puderam expor toda a estrutura que lhes foi arbitrariamente privada.

A internet também pode ser vista como um objeto, até porque a própria ANT enxerga a possibilidade de um objeto ser intermediário ou mediador, estando em acordo com as atribuições que redigi a respeito anteriormente⁴⁷. Esses elementos, contudo – por mais que tenham suas funções simbólicas e práticas – não me parecem deter da complexidade e subversão defendida pela Teoria Ator-Rede.

Fecho, assim, o estudo sobre a *formação* do grupo a partir do estudo do ator, do agir, de *quem* garantiu suporte aos protagonistas e do *que* integrou essa fonte de apoio. Percebo que um grupo é bem mais que a união de diversos protagonistas; grupo envolvendo tudo e todos que estão ao no entorno desses atores e que, ade alguma forma, se somam às suas histórias e à história de suas lutas.

⁴⁶ Ainda, “alguns truques precisam ser inventados para *forçá-los a falar*, ou seja, apresentar descrições de si mesmas, produzir *roteiros* daquilo que induzem outros humanos ou não humanos – a fazer (LATOIR, 2012, p. 119).

⁴⁷ “Os objetos, pela própria natureza de seus laços com os humanos, logo deixam de ser mediadores para se transformarem em intermediários, assumindo importância ou não, independentemente de quão complicados possam ser por dentro” (LATOIR, 2012, p.118-119).

Por derradeiro, retomando a primeira fonte de incerteza, abordo brevemente o *desmantelamento do grupo*. A ocupação encerrou na noite de 24 de junho de 2016, após 36 dias de ação que resultaram a formalização de compromissos importantes. Um projeto foi assinado na tarde de 23 de junho de 2016 pelo Ministério Público, Procuradoria Geral do Estado, 4ª Coordenadoria Regional de Educação, direção do instituto e ocupantes. O acordo contemplava as seguintes obras:

- Cobertura das duas quadras poliesportivas com pavimentação adequada e pintura das modalidades esportivas
- Duas passarelas cobertas com pavimentação adequada
- Plano de proteção e prevenção contra incêndios
- Pintura externa e interna
- Substituição de janelas com colocação de grades
- Troca de calhas
- Reforma do auditório
- Reforma de sanitários
- Recuperação da pista de atletismo
- Substituição das grades sobre o muro da escola
- Substituição dos portões de acesso por portões eletrônicos
- Substituição do paralelepípedo por pavimentação adequada
- Reforma geral da rede elétrica, hidráulica, hidrossanitária, pluvial, cloacal, sumidouro e caixa de gordura;
- Ampliação do refeitório
- Adaptações diversas para acessibilidade de cadeirantes (ANDRADE, 2016, s. p.).

Na manhã daquele dia, a escola foi organizada e limpa para ser entregue no turno da noite. A desocupação foi testemunhada por pais, professores e alunos contrários ao movimento. Alguns ocupantes tiveram que se retirar para evitar confrontos e muitos apoiadores foram acionados para garantir transporte de objetos, apoio jurídico e suporte emocional. Os opositores estavam em clima de festa: fogos de artifício estourados, muitas palavras de ordem foram gritadas e até uma Pai Nosso foi rezado⁴⁸.

O desmantelamento do grupo, na verdade, ocorreu aos poucos, muito por conta do desgaste do coletivo (causado pela convivência), da ação em si (inverno rigoroso, mantimentos contados, estrutura precária) e das represálias. O momento posterior ao ocupa é digno de um ensaio próprio, mas já adianto que, sobretudo por conta da perseguição dos pais contra os alunos e da conclusão do ensino médio, o coletivo de ocupantes se esfacelou. Cada um e cada uma tomou seu próprio rumo e poucos permaneceram em lutas políticas.

⁴⁸ Sobre essa representação da polarização presente, pelo menos de 2014, no país, cabe mostrar o entendimento da teoria adotada: “A ANT não afirma que um dia saberemos se a sociedade é ‘realmente’ feita de pequenos agentes individuais calculistas ou de portentosos macroatores; nem afirma que, como vale tudo, a pessoa pode escolher seu candidato favorito ao acaso. Ao contrário, chega à conclusão relativista, isto é, científica, de que essas controvérsias proporcionam ao analista os recursos necessários para rastrear as conexões sociais” (LATOURET, 2012, p. 53).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fim da ocupação marcou um vazio no campo da organização social da minha cidade que persiste até hoje. Aliás, esse vazio parece estar em todo o Brasil, pois o encerramento do ocupa no Cristóvão de Mendoza coincidiu com o fim do ciclo de escolas ocupadas pelo país. Desde então, não apareceu nenhum tipo de mobilização que chamasse atenção de ativistas e da academia.

Mas nem tudo está perdido. Os movimentos sociais tradicionais e todos os seus vícios permanecem atuantes, dando continuidade às lutas de cada dia de um modo que os ocupantes jamais poderiam fazer. Não acredito, contudo, que essas formas e mesmo bandeiras de luta estejam à altura das crises política e financeira que acometem o Brasil, em especial, na última década.

Isso não quer dizer, necessariamente, que os atores das ocupações estudantis estivessem aptos a lidar com a agenda de retirada de direitos que ganhou força nos últimos anos, até porque eles se esfacelaram rapidamente. Quer dizer apenas que o movimento dos secundaristas significou um respiro aliviado de criatividade e juventude capazes de encher qualquer sujeito ingênuo de esperança, enquanto os velhos movimentos nos enchem de tédio.

Esse cenário deprimente pode ser apenas a lembrança de uma nação pacata demais para defender o que é óbvio. Ao mesmo tempo, pode provocar o surgimento de movimentos e/ou ciclos de protestos tão caóticos quanto as crises que nos pairam. É certo que a temática das organizações sociais, pela sua inércia ou atitude, ainda vai ser pauta para muita reunião de base e ensaios acadêmicos.

Muito antes de falar sobre suas fontes de incerteza, Latour (2012, p. 50) alerta: “Relacionar-se com um ou outro grupo é um processo sem fim, construído por laços incertos, frágeis, controvertidos e mutáveis. Não é curioso?”. Penso que “frustrante” seria uma palavra melhor. O grupo estudado (e apreciado) parecia tão sólido e até tinha planos de continuar, mas se desmanchou, assim como muitos outros que ficaram para trás ao longo dos tempos.

Se os grupos são mutáveis, a ofensiva contra os nossos direitos – para além daqueles que envolvem a educação – é uma certeza. No tocante ao estudo de caso, ficou o aprendizado e a memória; quanto ao contexto nacional, restaram muitas perguntas, todas aliadas ao pressuposto de nós ainda têm muito o que aprender *com* e *sobre* atores sociais, e que nós precisamos, urgentemente, *(re)agir*.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. *A hipótese comunista*. São Paulo: Boitempo, 2012.

BERNARDO, João. Estudantes e Trabalhadores no Maio de 68. *Lutas Sociais*, São Paulo, n. 19/20, p.22-31, jun. 2008

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social*. Salvador: EDUFBA, 2012; Bauru. São Paulo: EDUSC, 2012.

ALONSO, Angela; MISCHÉ, Ann. June demonstrations in Brazil: repertoires of contention and government's response to protest. From Contention to Social Change: Rethinking the Consequences of Social Movements and Cycles of Protests - *ESA Research Network on Social Movements Midterm Conference*. 19-20 February 2015. Universidad Complutense de Madrid, Spain.

IMPrensa

ANDRADE, Andrei. Com liberação do Cristóvão de Mendoza, ocupações em Caxias do Sul chegam ao fim. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 24 jun. 2016. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2016/06/com-liberacao-do-cristovao-de-mendoza-ocupacoes-em-caxias-do-sul-chegam-ao-fim-6166782.html>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

FRONZA, Raquel. Instituto Cristóvão de Mendoza, de Caxias do Sul, completa 85 anos. *Pioneiro*, Caxias do Sul, 13 jun. 2015. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2015/06/instituto-cristovao-de-mendoza-de-caxias-do-sul-completa-85-anos-4780341.html>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

G1 RS; RBS TV. Ano letivo começa com falta de professores nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul. *Globo Notícias*. Porto Alegre, 5 mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/ano-letivo-comeca-com-falta-de-professores-nas-escolas-estaduais-do-rio-grande-do-sul.ghtml>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

MATOS, Kelly. De cada 10 escolas públicas do RS, uma tem infraestrutura adequada. *Gaúcha ZH*. Porto Alegre, 28 abr. 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/04/de-cada-10-escolas-publicas-do-rs-uma-tem-infraestrutura-adequada-cj5vkqumz0fuxxbj0f33sg314.html>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

SAMPAIO, Fernanda. Cristóvão, maior escola de Caxias, adere à onda de ocupações do RS. *Esquerda Diário*, 20 mai. 2016. Disponível em: <<http://www.esquerdadiario.com.br/Cristovao-maior-escola-de-Caxias-adere-a-onda-de-ocupacoes-do-RS>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

INSTITUCIONAL

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *População estimada para o ano de 2017*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/caxias-do-sul/panorama>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. *Contratos temporários de professores*. Disponível em: <<http://servicos.educacao.rs.gov.br/pse/srv/cep.jsp?ACAO=acao1>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

PEPO KERSCHNER. *Estado confirma pagamento de reajuste ao completo do Magistério para 2018*. Disponível em: <<http://www.educacao.rs.gov.br/estado-confirma-pagamento-de-reajuste-ao-compleativo-do-magisterio-para-2018>>. Acesso em: 14 abr. 2018.